

DANILLO BARATA: AS FRONTEIRAS TECNOLÓGICAS DO CORPO- IMAGEM

Edvaldo Souza Couto
UFBA

Resumo

O trabalho analisa três videoinstalações – “Passarela”, “O corpo como inscrição de acontecimentos” e “Corpos interditados” – e dois vídeos – “Soco na imagem” e “Capitália” – de Danilo Barata. Discute as fronteiras tecnológicas do corpo- imagens e suas mutações na cibercultura. A percepção do corpo-imagem ocorre de modo paradoxal, pois o corpo é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto das representações. Tal percepção expressa a estética ininterrupta da construção e desconstrução metamórficas das corporalidades sideralizadas. Conclui que no contexto das redes eletrônicas a base da criação do artista é a metamorfose, onde os apelos sinestésicos do corpo são refeitos pelas múltiplas conexões de sentidos e possibilidades. O corpo se insere em novas fronteiras digitais, continuamente dissolvidas e renovadas.

Palavras-chave: Danilo Barata. Corpo-imagem. Videoinstalação. Vídeo. Arte e tecnologias

Não é exagero dizer que as inovações tecnológicas já não se encontram predominantemente nos laboratórios. Cada vez mais elas fazem parte do cotidiano e estão nos corpos de milhares de pessoas que acompanham as ondas da biotecnologia nesses tempos de cibercultura (SANTAELLA, 2003). Entre os muitos encantamentos e perplexidades da vida atual, inscritas na dissolução progressiva das múltiplas fronteiras tecnológicas que envolvem o corpo e as imagens do corpo, **Danillo Barata** é um artista das conectividades dos sistemas biológicos e artificiais, da sensorialidade e outros modos de subjetivação diante das estreitas interfaces criativas e técnicas entre o corpo, a mente e o mundo digital. É um artista promotor de fecundos diálogos em meio às inusitadas e fascinantes encruzilhadas contemporâneas que recriam novos imaginários corporais (COUTO e GOELLNER, 2007).

A percepção do corpo-imagem pelo artista ocorre de modo paradoxal, pois o corpo é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto das representações. E nada mais além delas, afinal o corpo não existe fora das representações que dele fazemos. Tal percepção expressa a estética ininterrupta da construção e desconstrução metamórficas das corporalidades sideralizadas. Esta análise pode ser observada nas videoinstalações e nos vídeos selecionados para este ensaio.

Videoinstalações

1. Passarela

Para o homem ocidental, o corpo se tornou o lugar de sua identidade e seu modo de ser. Nossa época se rende aos diversos cultos que celebram e festejam a corporalidade. Das práticas esportivas ao uso proliferado do silicone e as cirurgias plásticas muitas técnicas e terapias servem para hipervalorizar e pavonear o corpo nas ruas, praias, clubes, páginas de revistas, programas televisivos, filmes publicitários, imagens diversas na *Internet*, nas passarelas, nas galerias de arte.

A todo instante somos convidados a administrar a própria aparência, a superar e redesenhar formas físicas. Tornou-se imperativo Ter um organismo camaleônico, sujeito ininterruptamente às transformações. As imagens promocionais do corpo mutante, em toda parte, evocam os muitos modos em que esse objeto pode ser manipulado e agenciado, em nome de uma perfeição sempre distante e, talvez por isso mesmo, cada vez mais desejada.

Esse universo *fashion*, de aparências sedutoras, exalta uma estética de corpos de passagem, convertidos em modelos a serem perseguidos. Mas nem tudo é fascinante diante da possibilidade real de se construir e modificar a aparência e ter o corpo que se planeja e programa. A obsessão pelo perfeito também é alimentada por uma contínua insatisfação com os seus resultados provisoriamente obtidos e desde já superados. Talvez essa insatisfação revele uma outra estética, a da obsolescência, a de corpos que jamais conseguem a atualização suficiente e, por isso, estão sempre à margem das clássicas passarelas. São corpos interditados.

Em **Passarela**, Danilo Barata denuncia esse vazio. O artista constrói esse trabalho utilizando seis macas, em cima das quais estão diversos televisores, exibindo vídeos com desfile de moda, onde corpos supostamente perfeitos ocupam as passarelas e se impõem às pessoas. Curiosamente, também nesses vídeos outras passarelas, longe de qualquer *glamour*, expõem a evidência de um cotidiano onde tantos corpos desfilam suas interdições, mutilações, imperfeições várias. Essas anatomias depreciadas, esse corpos marginalizados, escamoteados, traduzem outras facetas da corporalidade.



Danillo Barata – Passarela.

http://www.danillobarata.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=5

Para o artista, as macas utilizadas representam o lugar de ajuste onde as pessoas se mutilam e passam por processos de transformações para realizar as exigências das primeiras imagens exibidas pelos televisores, aquelas com as representações corporais dominante. Um hospital, um centro cirúrgico, uma enfermaria. Esses lugares são emblemas dos desconfortos vividos por aqueles que perseguem um tipo ideal mas tem que conviver com seus corpos carentes de novas intervenções e atualizações.

Com sua obra, Danillo Barata diz que os modelos corporais convivem com seus contra-modelos. As fronteiras entre definições e representações autorizadas do corpo e as definições e representações consideradas escandalosas são tênues. Talvez, todas elas ocupem uma mesma **passarela** onde desfilamos nossos corpos marcados pelas interdições e incompletudes (COUTO, 2004, pp. 133-135).

2. O Corpo como inscrição de acontecimentos

Em toda parte multiplicam-se os discursos e as técnicas para a liberação do corpo de antigos vínculos religiosos, filosóficos, geográficos, temporais, morais, pedagógicos. Nas últimas décadas, por intermédio do projeto genoma, a tentativa científica é tornar o corpo de cada pessoa livre do patrimônio cultural e genético. Tornou-se urgente eliminar toda e qualquer insatisfação física e mental, acabar com uma real ou suposta imperfeição, corrigir cada detalhe, construir a forma considerada mais adequada, prevenir uma

embrionária possibilidade de doença, alterar características que nos desagradam, manter o vigor da juventude, exibir a aparência mais saudável, festejar a beleza conquistada com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos: regimes, terapias, cosméticos, cirurgias, uso de próteses, manipulação genética. Em meio a tantos recursos para a remodelagem só é feio, fora de forma, flácido, enrugado e envelhecido quem quer, quem não se ama, não se cuida, não se pavoneia. O culto ao corpo se tornou um estilo de vida. A promessa fascinante de um ganho suplementar de saúde, juventude e beleza conquistou um espaço inédito nos meios científicos e artísticos, na mídia, em todas as esferas do nosso cotidiano.

Esse corpo inacabado (SANT'ANNA, 2001), considerado como um objeto sempre disponível a reformas, deve aumentar os seus níveis performáticos. Para vencer os perigos crescentes de tornar-se obsoleto, o corpo deve ser continuamente turbinado para acompanhar a sofisticação das máquinas, atender as novas demandas de prazer e liberdade próprios da atualidade.

Mas a obsessão pelo corpo considerado perfeito, a forma esguia e lisa, inevitavelmente convive cada vez mais com as sobras tidas como inadequadas e depreciadas. Nossa época valoriza tanto o esbelto, mas a população é cada vez mais obesa. Celebra tanto a juventude, mas nossos corpos são cada vez mais flácidos e enrugados, muitas vezes, precocemente. Festeja a saúde, mas os fantasmas das doenças nos cercam. A vida agitada, o estresse contínuo das grandes cidades, parece estar sempre a esgotar o vigor das pessoas.



Danillo Barata – O corpo como inscrição de acontecimentos

http://www.danillobarata.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=5

A vídeo-instalação **O corpo como inscrição de acontecimentos**, de **Danillo Barata**, revela esse paradoxo. Quando muitos desejam eliminar as marcas do tempo e das vivências o artista nos diz que é no corpo que os acontecimentos são inscritos. A alimentação desregrada está nas gorduras acumuladas, a força dos anos está na moleza da carne, as experiências estão nas insistentes rugas que tanto nos atormentam. O som utilizado é o de coisas sendo arrastadas, de corpos sendo arrumados. As imagens exibem corpos gordos e magros, jovens e nem tão jovens, em gestos que traduzem esforços de respiração e manutenção do físico. Mostrados inicialmente de frente, logo os corpos se movimentam, nos viram as costas. Com as cabeças abaixadas, cada modelo está voltado pra si mesmo. Para o artista, podemos disfarçar as inscrições dos acontecimentos na superfície da pele. Mas por trás do aparente, dentro de nós, estão todas as marcas, sofrimentos e alegrias perdidos, imperfeições e incompletudes que traduzem o que somos (BARATA, 2003).

3. Corpos Interditados

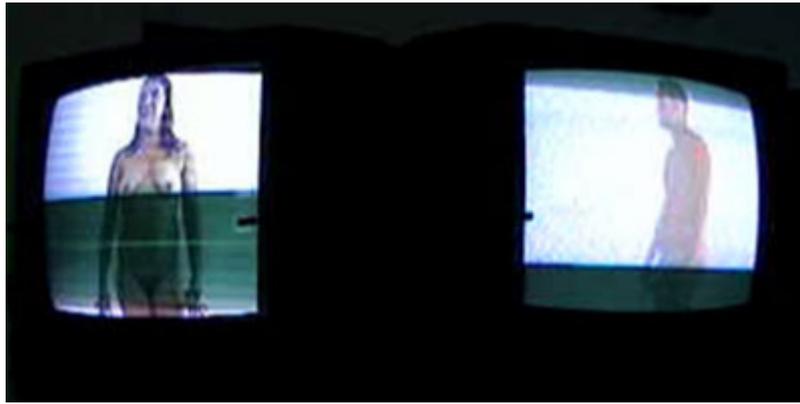
Beleza, vigor, juventude. Em torno desses vetores são elaborados os discursos e os modelos do corpo considerado perfeito. Para atingir os padrões de perfeição, cada vez mais o corpo vital se alimenta com técnicas estimulantes capazes de construir e acentuar os traços tidos como graciosos, a resistência e a aparência sempre jovem e saudável. De diversas maneiras, é necessário acelerar o organismo, extrair dele mais movimento e prazer. É preciso testá-lo, perseguir o máximo de rendimento, superar obstáculos, romper limites, quebrar recordes.

A lógica da excitação técnica diz que o organismo equipado, reconfigurado ininterruptamente, tornou-se modelo de corpo válido e eficiente. Em contrapartida, a noção de deficiência mudou. Não só os portadores de anomalias, defeitos físicos aparentes, descarnados, esfolados, esqueléticos, obesos mórbidos, etc., passam a ser considerados grosseiramente obscenos. Na escalada da obscenidade estão todos aqueles que não tem o corpo suficientemente equipado, esculpido e preservado pelas próteses e demais tecnologias protetoras e promotoras de novos reflexos e estímulos físicos e mentais.

Em outras palavras, qualquer corpo tido como “normal”, apontado como belo, forte e jovem, mas que estiver fora dessa obsessão pela transformação veloz, desvinculado da estimulação perpétua, passa a ser considerado obsoleto, ultrapassado, feio, velho, deficiente e, por conseqüência, culturalmente depreciado. Sem modificar cotidianamente a arquitetura do corpo, seja pela adição de próteses superficiais, seja pela intrusão intraorgânica destas no seio de nossos órgãos, já não temos como reajustar a nossa consciência do mundo. Já não temos como glorificar a nós mesmos.

Equipar o corpo, construir a eficiência. Esse é o nosso paradoxo. A perfeição parece logo ali, conquistável. Mas que ninguém se engane. Quanto mais o corpo é trabalhado cirurgicamente, quanto mais ele é equipado com próteses e produtos que visam a elaboração sucessiva de novos *designs*, mais distante permanece do ideal de perfeição. As pessoas ficam mais insatisfeitas, sofrem. A todo instante as formas elaboradas são ultrapassadas, os modelos são envelhecidos e postos fora de circulação. Isto significa que de alguma maneira todos nós, perseguidores obsessivos da máxima eficiência, independentes do nível de elaboração corporal, nos tornamos em inválidos, deficientes, portadores de corpos interditados, carregando o fardo de uma estrutura física progressivamente depreciada.

Os equipamentos de última geração de hoje são as esquisitices técnicas de amanhã logo cedo. Do mesmo modo, as formas físicas conquistadas, com esforço, trabalho e grande investimento financeiro e emocional, são imediatamente vencidas e abandonadas. A todo instante é imperativo partir para novas conquistas. Essa urgência faz crer que, de fato, não há um modelo de perfeição, mas uma ilusão do perfeito. Belo, vigoroso e jovem, eficiente e apreciado, não é o corpo que adquiriu determinadas formas, que se adaptou a certos padrões. Belo, vigoroso e jovem, eficiente e apreciado, é o corpo que não cessa de ser atualizado, independente da forma provisória que ele adquire e da qual já pretende se livrar.



Danillo Barata – Corpos Interditados

http://www.danillobarata.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=5

Em **Corpos Interditados**, é essa a condição e o destino do corpo em cena. Várias telas exibem imagens de diversos corpos, masculinos e femininos, jovens e nem tão jovens, negros, morenos, brancos. A técnica de exibição dos corpos é a antropometria, “lado, frente, verso”, comumente utilizada pela polícia. Cada sujeito, com sua leveza e graça, movimenta-se perseguindo esses ângulos.

Aparentemente as imagens projetadas na tela não têm nada de grotesco, nenhuma forma física é marcada por qualquer anormalidade. Os corpos mostrados pelo artista podem ser todos considerados “normais”, desses comumente oferecidos em toda parte pelo mercado humano. Mas, na atualidade, é justamente nessa suposta “normalidade” que está a perversão, o esquisito, o feio, o desprezível, o que não deve ser apreciado e cultuado. Esses corpos não representam visivelmente a dinâmica da mutabilidade física e mental proporcionada pelas tecnologias que revolucionam a arquitetura do corpo na cibercultura. Porém, nem tudo está perdido, é sempre possível eliminar parte das deficiências, construir formas mais valorizadas, apreciadas. Nesta obra, não é por acaso que enquanto os corpos exibem as suas obsolescências anatômicas podemos ouvir o barulho de carnes e ossos sendo cortados, manipulados, enxertados, colados, costurados. É essa a música supostamente capaz de mobilizar e inserir as pessoas no culto ao cibercorpo, a que embala e faz dançar os corpos siliconados, protéticos, lipoaspirados.

Vídeos

1. Soco na imagem

De certo modo, por muito tempo, a idealização da beleza corporal correspondeu à representação do corpo imóvel, na escultura, pintura e mesmo fotografia. A idéia era que a apreensão estética do corpo em repouso podia ser mais intensa que em movimento. Entretanto, os estudos sobre os movimentos de um corpo que anda ou corre surpreendem ao revelá-lo na sucessão de figuras. Com elas, mais que nunca, é preciso exercitar o olhar para perceber os detalhes dos membros, do tronco, do rosto, no instante mesmo dos deslocamentos. A fragmentação é a cena. É o próprio corpo. A percepção estética do corpo em movimento pressupõe que o olhar seja capaz de se unir ao ritmo da imagem, onde as ambiguidades dos deslocamentos constituem as próprias representações.

Em **Soco na imagem** é o próprio corpo de **Danillo Barata** que briga, soca e acaricia sua própria imagem no espelho. Agora, o corpo é a própria imagem refletida na superfície de um espelho ou de uma tela envolto em imaginários digitais. É o movimento manipulado pela câmera, que o deixa lento ou mais acelerado, nítido ou cheios de sombras, visível ou invisível, que se auto-afeta e se auto-retrata. A imagem não é mais uma mera cópia do objeto dito real. Ela expressa o rompimento e a apropriação simultânea do corpo que só existe como imagem. Não por acaso a técnica usada é o do *looping*, que permite ao artista sair e retornar para a frente da câmara, num embate que não tem fim.



Danillo Barata – Soco na Imagem

http://www.danillobarata.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=5

Esse diálogo travado com e contra a câmera é na verdade uma luta consigo mesmo. Muitas vezes contra as tiranias do espelho que soca no sujeito seu corpo incompleto, em descompasso com as formas físicas celebradas nas mídias e atualizadas nas imagens modelos que nos cercam. É como se ao socar a imagem, ao socar a si próprio, o sujeito pudesse ver e tomar consciência das suas fraquezas e agonias que entram e saem de cena, se fazem presentes e ausentes nas superfícies refletoras do corpo-imagem.

O vídeo **Soco na imagem** também pode ser visto como uma alegoria do desconforto promovido pelo imenso fluxo de imagens ao qual somos submetidos diariamente. Por isso o *performer* mantém a guarda e não cessa de deferir golpes na própria imagem. Mas também pode ser no sujeito fruidor, naquele que o observa. A mesma tensão entre o corpo e a imagem, o repouso e o movimento, o modelo físico valorizado ou depreciado, está presente entre o agente fruidor, o artista e a obra.

2. Capitália

Inspirado na “Divina Comédia” de Dante Alighieri e nos pecados capitais tematizados pelo escritor italiano, o vídeo olha para a vida noturna do centro de Salvador e de seus múltiplos e assombrados personagens.

O vídeo **Capitália**, de Danillo Barata, pode ser visto como uma representação da cidade abandonada, marcada pela ruína de si e de seus habitantes. Se tudo é tomado pela profunda escuridão da noite é para ressaltar o estado de pesadelo no qual a vida urbana tensionada e complexa arrebatava corpos passantes que vagam por aí. De um lado, os carros avançam pelas avenidas com destinos aparentemente incertos e desaparecem nas curvas distantes, no breu da noite preta. De outro, os personagens, com seus pecados e virtudes noturnos, cambaleiam como sonâmbulos que seguem a ermo pelas calçadas esburacadas desses lugares dilacerados, com urbanização caótica e natureza devastada. É preciso levar em conta esse imponderável, a inscrição de objetos, pessoas e lugares no fluxo da dinâmica do urbano. Pois é aí, na experiência do abismo, que cada um deve encontrar o seu pertencimento nesses territórios des/configurados por sistemas precários de transportes e comunicação.



Danillo Barata – Capitália

<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier043/obras.asp>

Para o artista, é no desordenamento da cidade grande, cercado de ameaças e prazeres fugazes, que as fronteiras são suspensas ou ultrapassadas. Antigas fronteiras sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais perdem sentido nesses lugares tomados pela desagregação. Velhas pontes, galpões em ruínas, pátios de carros usados, escadarias sujas e fedorentas por onde rolam as pessoas com todas as suas misérias, integram a paisagem **Capitália**. Vícios e virtudes são condenados pela pressa e pelo desmoronamento das sensações. Entre a doçura que fascina e o prazer que atormenta e mata, as promessas de esperança e de liberdade se esvaem e também se renovam. É nesse giro sem fim dos lugares e dos corpos abandonados as margens das rodovias, viadutos e calçadas que a **Capitália** recria as tramas da vida em permanentes deslocamentos e mutações.

* * *

A produção de **Danillo Barrada**, tanto as vídeoinstalações quanto os vídeos – que se completam - é tomada pela vertigem dos corpos-imagens desestruturantes da contemporaneidade (BARATA, 2007). São múltiplas, inquietantes e fecundas as suas abordagens. É nessa complexidade que se inscreve a poética de um artista, ávido e crítico desse mundo mágico gerado e alimentado pelas ilusões óticas, que questiona e investe nas subjetividades progressivamente assinaladas pela dissolução e renovação das fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, entre o corpo e as imagens.

No contexto das redes eletrônicas a base da criação artística é a metamorfose, onde os apelos sinestésicos do corpo são refeitos pelas múltiplas conexões de sentidos e possibilidades. Na cibercultura, os nossos processos cognitivos se desenvolvem cada vez em parceria com os sistemas eletrônicos

e digitais. O corpo tecnologizado se insere em novas fronteiras digitais, continuamente dissolvidas e renovadas. Nessas interfaces **Danillo Barata** encontra as bases poéticas para o seu trabalho.

Referências

- BARATA, Danillo. O corpo e a expressão videográfica: a videoinstalação como estratégia de uma narrativa corporal. Em COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpos mutantes. Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007, pp. 105-122.
- BARATA, Danillo. **O corpo como inscrição de acontecimentos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Salvador, UFBA, 2003.
- COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpos mutantes. Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007.
- COUTO, Edvaldo Souza. Corpos interditados: notas sobre anatomias depreciadas. Em STREY, Marlene Neves e CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e Subjetividades em Exercício Interdisciplinar**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, pp. 133-148.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo, Paulus, 2003.
- SANT'ANNA, Denise. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

Currículo Resumido do autor

Professor na Faculdade de Educação - UFBA. Publicou os livros “O homem-satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica (Ijuí), co-organizou “Corpos Mutantes. Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais (UFRGS) e “Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade” (Quarteto). Desenvolve pesquisa com bolsa de produtividade do CNPq. Email: edvaldo@ufba.br